

# AS OFICINAS TERAPÊUTICAS ENQUANTO UMA POSSIBILIDADE DE RESGATE DA CIDADANIA E DA PERSPECTIVA DE INCLUSÃO NO TRABALHO

## *THERAPEUTIC WORKSHOP WHILE CITIZENSHIP RANSOM POSSIBILITY AND PROSPECT OF WORK INCLUSION*

**Magda Arlete Vieira Cardozo**  
Professor FAI

**Ana Paula Cossi Morita Borri**  
Graduanda em Psicologia - FAI

**Valéria Martinez**  
Graduanda em Psicologia - FAI

### RESUMO

As instituições que atendem pacientes com transtornos psicóticos tendem a despersonalização dos mesmos. Em uma Instituição de cunho filantrópico e assistencialista, localizada no interior do estado de São Paulo, que atende cerca de 50 pacientes psicóticos egressos de um Hospital Psiquiátrico, com idades entre 17 e 70 anos de idade, foram realizadas oficinas terapêuticas tendo como setting o pátio da própria Instituição. O objetivo desse trabalho foi restabelecer a cidadania da pessoa com transtorno mental, buscando a desconstrução do modelo asilar de atenção à saúde mental, através de trabalhos de “arte”, sem fins lucrativos. No desenvolvimento das oficinas não houve pré-requisito para selecionar participantes, tendo em média sete internos fazendo a atividade em si e alguns participando de forma indireta. Conclui-se que a instituição cronifica a banalização às pessoas que sofrem transtornos mentais, assim a oficina terapêutica é uma forma para a reabilitação psicossocial, dotada de recursos para trocas sociais e, conseqüentemente, para a cidadania social.

**Palavras-chave:** Transtorno psicótico. Instituição. Oficina terapêutica. Reabilitação psicossocial.

### ABSTRACT

The institutions that accommodate patients who suffer from psychotic disorders are inclined to depersonalize this patients. At a philanthropic and supportive institution located in the countryside of São Paulo state, which accommodate about 50 egress psychotic patients from a Psychiatric Hospital, with ages that varies from 17 to 70 years old, therapeutic workshops were carried out using the institution yard as setting. The work's aim was to restore the citizenship of the person who suffers from mental disorder, trying to obtain the fall of the old folk's home model of attention to mental health through works of art without profit endings. At the workshops development there weren't prerequisites to select the participants, obtaining an average of 7 interns doing the activity itself and some of them participating indirectly. We can conclude that the institution makes chronicle the vulgarization of people who suffer from mental disorders, so the therapeutic workshop is a way of psychosocial rehab, endowed with social changes resources and, consequently social citizenship.

**Key-words:** Psychotic disorders. Institution. Therapeutic workshop. Psychosocial rehab.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de atividades de estágio em Psicologia do Trabalho em uma instituição psiquiátrica filantrópica do interior do Estado de São Paulo. A Psicologia do Trabalho é uma disciplina em movimento, que já

enfrentou pelo menos três momentos distintos em sua história. Como Psicologia Industrial, desenvolvendo teorias e aplicações voltadas ao aumento da produtividade do homem em postos de trabalho (seleção com base na psicomетria, classificação de pessoal, avaliação de desempenho, condições de trabalho, treinamento, liderança) em um contexto taylorista-fordista, que compreendia as organizações como máquinas, assim administrá-las significa fixar metas e estabelecer formas de atingi-las; organizar tudo de forma racional, clara e eficiente, detalhar todas as tarefas e, principalmente, controlar.

Como Psicologia Organizacional, que surgiu na passagem do Fordismo para o Toyotismo e também desenvolveu instrumental teórico e prático que permitia repensar as estruturas organizacionais, visando o aumento da produtividade e da satisfação do trabalhador. O sistema toyotista baseia-se numa renovação produtiva, com inovações tecnológicas e organizações de gestão. Propõe trabalho em equipes, com utilização de máquinas de ajustes maleável, tornando possíveis modificações rápidas, difíceis de realizar no protótipo fordista/taylorista. Esse protótipo possibilitava também reduzir custos e fugir da padronização rígida e massificada do fordismo, diversificando e variando a produção, além de permitir a desconcentração espacial da atividade industrial.

Como Psicologia do Trabalho, propriamente dita, que se volta à saúde mental do homem que trabalha e às dimensões esquecidas como o significado e as relações de trabalho, sua aproximação com a Psicanálise é inevitável (GOULART, 1998).

Estudar psicanaliticamente as formas de trabalho nas organizações é estudar laços materiais ou morais, ideológicos ou socioeconômicos e, sobretudo, de natureza psicológica que unem os indivíduos à organização. “A organização modela os impulsos e os sistemas de defesa individuais, que, por seu turno, nela criam raízes” (MOTTA, 1991, p.5). De fato, a relação entre dirigentes e dirigidos nas organizações cria uma série de fenômenos: (a) de um lado, manifestações tangíveis ligadas às orientações definidas, às decisões tomadas, às informações comunicadas, etc. (b) de outro lado, manifestações intangíveis e latentes que procedem da subjetividade e de mecanismos inconscientes intrapsíquicos e intersubjetivos. Assim, a organização e os grupos vão sendo perpetuados tanto por motivos racionais, quanto por motivos de ordem mais profunda, que passam despercebidos em nível da consciência.

Dessa forma, a tendência das organizações é tornar-se fonte de angústia e prazer. Este é um dos aspectos mais notáveis do seu poder, a sua capacidade de influenciar o inconsciente. Essa forma de dominação organizacional, tem seus efeitos numa outra cena que é o próprio subconsciente. Trata-se, portanto, de como cada um percebe os mecanismos que estão em operação e os papéis a assumir, para poder achar o seu lugar no sistema social, ou achar a lei que rege o funcionamento do conjunto (MOTTA, 1991).

De acordo com Dejours (1992), o desenvolvimento da atividade produtiva origina-se de uma lógica em que os jogos da concorrência econômica ocupam um lugar central, contudo, as relações entre sofrimento e organização não caminham sempre nesse sentido e o trabalho pode também ser fonte de prazer, e mesmo mediador de saúde.

Dejours ainda defende que no início da infância a criança luta contra o sofrimento de seus pais como se fosse seu próprio sofrimento, o que significa que a criança é tão sensível a angústia de seus pais que se torna seu próprio problema. Quando a criança atinge a idade de falar, ela preocupa-se em compreender toda essa angústia e sofrimento fazendo perguntas sobre o trabalho dos pais, é o que esse autor chamou de terra incógnita. Na tentativa de buscar respostas para suas dúvidas, chamado Epistemofilia, a criança constrói suas primeiras teorias sobre o trabalho, sendo assim o enigma sobre a angústia e o sofrimento dos pais estará na origem de uma curiosidade que jamais será satisfeita, de um desejo de saber e de compreender, visto que a Epistemofilia será representada no jogo do trabalho, ou seja, é o brincar de trabalhar representando uma vivência subjetiva permeada com o sofrimento.

Todavia, o que os pais transmitem não é determinante, assim a história que a criança recebe pode continuar ou

romper-se, pois quando se torna adulta ela vai representar vários papéis no trabalho, denominado por Dejours de Teatro de Trabalho. A passagem do Teatro Psíquico ao Teatro do Trabalho corresponde àquilo que em Psicanálise é denominado, em termos técnicos, de mudança de objeto (da pulsão) e mudança de fim (da pulsão). A exigência de alguns papéis e a dificuldade de realizar alguns trabalhos podem gerar sofrimento de dois tipos, sendo eles o Sofrimento Patogênico, que empurra para a doença podendo ser físico ou emocional, e o Sofrimento Criativo, que impulsiona para o crescimento, mesmo que não seja prazeroso o tempo todo. De forma que, o prazer vem do equilíbrio desses dois sofrimentos, mas para que ocorra essa Ressonância Simbólica é preciso escolher uma profissão que seja valorizada socialmente, saber o significado e a importância de sua tarefa, e ter o reconhecimento dos pares, sabendo-se que essas três condições podem ser tanto recompensas materiais como simbólicas.

Assim, a Psicopatologia do trabalho coloca o sofrimento no centro da relação psíquica entre o homem e o trabalho. É graças ao espaço de palavra que surgem conhecimentos sobre o trabalho real, que até então estavam parcialmente ocultos pelo sofrimento e as defesas contra o sofrimento: sofrimento correspondente ao risco moral da fraude, defesa contra esse sofrimento através da estratégia do segredo. Tanto a construção de relações de confiança entre trabalhadores como a recondução de um espaço de palavra dependem da transparência e da exteriorização das maneiras de fazer.

O espaço de palavras é o lugar onde se desenrola o processo do reconhecimento e da filiação (precisamente oposta ao individualismo).

Dejours (1992) coloca que a sublimação que está na base, na origem da criatividade, parece requerer a visibilidade, e mesmo a expressão pública, enquanto que, a construção do espaço público mobiliza não só a responsabilidade da base e as qualidades individuais do trabalhador, como, também, exige um tipo específico de administração.

Dejours (1994) propõe reservar aos elementos afetivos e relacionais da carga mental um referencial específico denominado carga psíquica do trabalho. O rebaixamento de tensão, a descarga da energia pulsional segundo o modelo freudiano é a origem e a fonte mesma do prazer, isto é, do alívio da carga psíquica de trabalho. Se o trabalho permite essa descarga ele passa a ser um instrumento de equilíbrio para o trabalhador.

Sem a pretensão de medir a carga psíquica, Dejours (id. *ibid.*) propôs que a relação do homem com a organização do trabalho é a origem da carga psíquica do trabalho. Assim, uma organização do trabalho autoritária, que não oferece uma saída apropriada à energia pulsional, conduz a um aumento da carga psíquica.

Neste sentido, no caso da carga psíquica, o perigo principal será o da subutilização ou o da repressão das aptidões psíquicas, fantasiosas ou psicomotoras, que ocasiona uma retenção de energia pulsional (“tensão nervosa”).

O bem-estar psíquico não provém da ausência de funcionamento, mas ao contrário, de um livre funcionamento em relação ao conteúdo da tarefa. Se o trabalho favorece esse livre funcionamento, ele será fator de equilíbrio, se ele se opõe, será fator de sofrimento e doença.

Portanto, se um trabalho permite a diminuição da carga psíquica, ele é equilibrante, caso contrário, se o trabalho se opõe a essa diminuição, ele é fatigante.

Deste modo, a vida organizacional, trazendo certo grau de alienação, também permite ao indivíduo, de alguma forma, realizar-se. O recalamento funda uma mentira que sempre tem o efeito de mascarar, sem que essa máscara não possa ser um dia retirada e a verdadeira face redescoberta. É exatamente nisso que o recalamento difere da repressão.

É assim que, na sociedade contemporânea, os indivíduos tendem a ver como impossível a sua vida psicológica e social,

sem a inserção nas organizações. Essa inserção ocorrerá sempre em termos de um papel de “status” razoavelmente formalizado que lhe é atribuído. Isto ocorre na empresa, no exército, na universidade, na administração pública, tanto ou ainda mais do que ocorre na família (MOTTA, 1991).

Segundo o mesmo autor, a organização, no seu cotidiano, está sempre a chamar para a luta, que significa provar a própria existência, instaurando, desta forma, as regras da luta pela sobrevivência. Tudo será definido de modo a permitir, e mesmo favorecer a expressão do Ego Ideal, e para dar a impressão fantasiosa do Ego Sólido e único. As regras do jogo são dadas pelas estruturas de trabalho, com suas funções definidas, estabelecendo-se procedimentos que definirão a forma pela qual será lícito para cada um jogar. Sabe-se assim, o que é ser responsável, o que é ter consciência profissional, o que é senso de dever, o que é ser sério e trabalhador. São imagens que permitem a coerência das condutas coletivas, levando de forma secundária, os indivíduos a se comportarem de maneira uniforme, previsível e livre das interrogações próprias e dos demais.

Configura-se uma situação de duplo aprisionamento: das estruturas organizativas do próprio trabalho e da própria conduta. Não há alternativa para o dever de mostrar saber o que disse, fazer o que deve, e ser perseverante nas suas ações. Esse comportamento mascarado, cheio de símbolos, é chamado por Motta “dramaturgia”, na realidade é orientado para a preservação da identidade social e para o bom funcionamento das organizações. Bom funcionamento entendido como produtivo e econômico. Logo, a dramaturgia visa ocultar o grande medo da desintegração e as fantasias destrutivas que podem ocorrer (MOTTA, 1991).

Segundo Souza (1978), Clima Organizacional é um fenômeno resultante da interação dos elementos da cultura, ou seja, é a relação entre preceitos (a autoridade e o conjunto de regulamentos e valores, explícitos ou implícitos, que regem a vida organizacional), tecnologia (conjunto de instrumentos e processos utilizados no trabalho organizacional, inclusive em suas relações com o ambiente externo) e caráter (conjunto de manifestações afetivo evolutivas, espontâneas do indivíduo que compõem a organização). Clima é uma decorrência do peso de cada um desses elementos e seus efeitos sobre cada um dos outros dois.

Decorre do peso dos efeitos de cada um desses elementos culturais, valores, políticas, tradições, estilos gerenciais, comportamentos, expressões dos indivíduos envolvidos no processo e também resultante do conjunto de instrumentos, conhecimentos e processos operacionais da organização. O clima organizacional influencia direta e indiretamente nos comportamentos, na motivação, na produtividade do trabalho e também na satisfação das pessoas envolvidas com a organização.

Com base em tudo o que foi visto, é compreensivo que Enriquez (1997), conceba a organização como um sistema simultaneamente cultural, simbólico e imaginário. Sistema Cultural, pois a organização oferece uma estrutura de valores e normas, um modo de apreender o mundo e de pensar. Esse sistema auxilia na constituição de uma “armadura estrutural” que se cristaliza em determinada cultura, gerando expectativas de papéis, condutas mais ou menos estabilizadas e hábitos de pensamento e de ação. Por fim, desenvolve um processo de formação e de socialização que permite que novos atores tenham como se inserir nesse sistema, já que seleciona aquilo que é considerado bons comportamentos e boas condutas.

É um sistema simbólico porque cria uma narrativa em que os diferentes atores dão sentido aos seus atos e legitimam suas condutas e práticas. Embora um sistema simbólico nunca seja totalmente fechado, as organizações procuram, consciente ou inconscientemente, arquitetá-lo e isso acontece exatamente pelo receio que os indivíduos possuem quanto à base do sistema.

A organização vai produzir também um sistema imaginário para dar coerência ao sistema cultural e simbólico.

Enriquez afirma que esse sistema imaginário pode se dar em duas formas: imaginário motor e imaginário enganador. “O imaginário é enganador, na medida em que a organização tenta prender os indivíduos nas armadilhas de seus próprios desejos de afirmação narcisista” (ENRIQUEZ, 1997, p.35).

Nessa forma de imaginário, a organização tenta substituir o imaginário dos indivíduos pelo dela, seduzindo-os, aparecendo simultaneamente como muito poderosa e possuindo extrema fragilidade, visando assim ocupar a totalidade psíquica do indivíduo. O imaginário motor se dá na medida em que a organização permite a criatividade e que os indivíduos não se sintam reprimidos com as regras organizacionais. O autor afirma que embora o imaginário seja sempre irreal, é ele que fecunda o real e por isso sua importância.

Buscando compreender a influência das condições de vida e trabalho sobre a saúde, tecendo o percurso que levou a Psicopatologia do Trabalho a fenômenos de ordem psicossocial, o presente trabalho visa restabelecer a cidadania em pacientes egressos de um hospital psiquiátrico através da desconstrução do modelo asilar por meio de oficinas terapêuticas, proporcionando um espaço reflexivo e acolhedor para o paciente, resgatando e problematizando os relacionamentos intra e interpessoais, por meio dessas atividades que podem re-significar o trabalho e os processos psíquicos inerentes ao mesmo, ou seja, estas oficinas aparecem como possibilidade de resgatar o aspecto produtivo e o reconhecimento por esta produção.

O ser humano é multifacetado e precisa de um mínimo de satisfação em suas diversas dimensões – emocional, intelectual, social, familiar, profissional. Tratando-se de pessoas com transtornos mentais, a própria situação impõe dificuldades na realização dessas dimensões. Durante muitos anos, a psiquiatria tendeu a focalizar apenas a doença, procurando a remissão de seus sinais e sintomas, e deixando de lado o que se poderia oferecer ao paciente, para que este, de algum modo, ultrapassasse sua condição (COSTA & FIGUEIREDO, 2008, p.7).

A experiência do trabalho das oficinas torna-se positiva quando uma de suas funções é também o de intervir no campo da cidadania. Assim, atuando no âmbito social, contribui como possibilidade de transformação da realidade atual no que diz respeito ao tratamento psiquiátrico.

Nise da Silveira, médica, psiquiatra, contrária às técnicas terapêuticas psiquiátricas existentes, aponta em seu livro *Mundo das Imagens* (1992) para a complexidade do universo das formas pictóricas e da mente humana:

(...) o mundo interno do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos. E dentre as diversas atividades praticadas na nossa terapêutica ocupacional, aquelas que permitiam menos difícil acesso aos enigmáticos fenômenos internos eram desenho, pintura, modelagem, feitos livremente (SILVEIRA, 1992, p 51).

Portanto, Nise da Silveira atribuiu à arte o valor de instrumento terapêutico, pois através dela o homem tem a liberdade para expressar os seus desejos e manifestar a sua criatividade, atualmente reprimida pelas regras e convenções sociais e, assim, reordenar a sua vida subjetiva, bem como restaurar a sua capacidade de se relacionar socialmente.

Nas oficinas, a produção e a expressão livres dão condições ao sujeito alienado de se transformar num sujeito produtivo, pois, ao mesmo tempo em que ele é estruturado por sua produção, pode exercitar sua possibilidade de escolha e expressão.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A Instituição onde foi realizado o projeto é um estabelecimento de cunho filantrópico e assistencialista, de porte

médio, que atende psicóticos egressos de hospitais psiquiátricos, totalizando cerca de 50 assistidos de sexo masculinos e femininos, com idades entre 17 e 70 anos de idade. Colocamos um número aproximado devido ao fato de haver continuamente re-encaminhamentos e novas inserções na instituição, o que faz com que a cada semana haja um número diferente de pacientes atendidos.

Nesse trabalho foram empregadas oficinas terapêuticas com o intuito na produção, gerenciamento e construção de relações significativas que promovam a solidariedade, a cooperação e a autonomia do sujeito. Os encontros ocorreram uma vez por semana, com duração aproximada de 120 minutos.

As oficinas foram realizadas no pátio da própria Instituição, e não houve qualquer tipo de pré-requisito para selecionar os participantes, dessa forma, existiu respeito pelas características psicóticas dos mesmos. Aconteceram peculiaridades no desenvolvimento dos trabalhos, como participantes entrarem e saírem do pátio durante as atividades, desvio de atenção, intervenções delirantes (alteração do conteúdo do pensamento), fugas de idéias (mudança de assunto rápido sem conclusão do anterior), procura por atenção constante, todas levadas em consideração na própria organização de trabalho.

A organização das atividades foi feita valorizando-se cada encontro como finalidade terapêutica em si. Um encontro iniciava com combinações onde se buscava o estabelecimento de uma aliança terapêutica com os usuários. Neste momento, era discutida a proposta de atividades a serem desenvolvidas.

As atividades trabalhadas dentro da proposta de oficina visam restabelecer um encontro da maneira como o indivíduo se percebe enquanto ser social e como, desta forma, é subjetivado pela sociedade. São realizados trabalhos de “arte” que buscam resgatar a expressão subjetiva dos desejos e como estes podem se expressar em grupo, buscando compreender como esse sujeito se percebe, se vê, se relaciona, se posiciona.

Para as atividades foram utilizados papel sulfite, giz de cera, tinta guache, papelão paraná, pinceis de tamanho número dois, argila e notebook para a composição do jornal.

Não foi abordado especificamente o trabalho sob o aspecto da remuneração, procurou-se enfatizar a idéia de trabalho na construção da subjetividade, e não relacioná-lo tão somente a um meio de sustentação.

Quanto ao produto final ficou a cargo do institucionalizado seu destino final, assim poderia ficar com sua obra ou então dar a mesma ao monitor/observador.

## **DISCUSSÃO E RESULTADOS**

A princípio buscou-se, junto ao diretor da instituição, a autorização prévia e o consentimento explícito para a realização do estágio. Foi explicado o objetivo do trabalho e permitida a entrada dos alunos, definindo-se que o trabalho seria realizado no local onde se encontram psicóticos sem crise aguda, visto que a instituição abrange três locais de “atendimento”.

Dois dos estagiários já realizavam um trabalho anterior à realização desse estágio, conhecendo os internos, apresentando-os e fazendo a devida mediação entre os usuários da instituição e as novas estagiárias. Inicialmente pairou o sentimento de que o estagiário agora era disputado pelas mulheres-estagiárias do grupo, como apontado nas falas de “R.S”: *“Tio, eu to bonita hoje?”* Ou ainda, apontando para a estagiária: *“o que ela é tua, tio? namorada?”*

Mas, com o segmento semanal das oficinas houve identificação dos usuários para com as estagiárias, da mesma forma a adaptação das estagiárias aconteceu paulatinamente.

Os funcionários da instituição foram receptivos com a chegada das estagiárias, atendendo às necessidades das mesmas, assim pôde ser realizado um trabalho sem interrupções e alcançar o objetivo de cada atividade realizada.

As oficinas foram discutidas em seguida de sua finalização com o intuito de verificar o que se alcançava, e mesmo, de não perder o objetivo que se almejava no decorrer do tempo e das atividades.

A Instituição não forneceu às estagiárias os prontuários dos sujeitos institucionalizados, portanto, a discussão foi feita com levantamento de hipóteses em cada caso específico.

Foi possível compreender que no *setting* institucional não há controle sob o que acontece, pois muitos fatores podem intervir no ambiente e nos usuários, surgindo, assim, as mais diversas situações. Sendo assim, o relatório que se segue foi descrito em uma lógica de acontecimentos e não pelo que ocorreu em cada dia específico, para possível compreensão do leitor.

No decorrer da realização do projeto, tendo como proposta central a coordenação de oficinas terapêuticas, foi desenvolvido ao portador de sofrimento mental atividades expressivas e de lazer pautadas em iniciativas que buscam reduzir o poder cronificador e desabilitante de tratamentos tradicionais, para acolher a demanda dos usuários nos cenários sociais dos quais participam cidadãos comuns.

No que se refere às oficinas de produção individual, tais como pintura com giz de cera em papel sulfite e escultura com argila, os usuários, totalizando 10 e 9 respectivamente, expressaram de forma alienada seus desejos, na tentativa de uma reorganização interna.

O caso específico do trabalho com argila teve como proposta expressar a afetividade de forma concreta, o que envolve sentimento de potência diante do objeto e a plasticidade dos desejos manifestados no ato de esculpir.

Quando muitos dos institucionalizados viram a argila mostraram total repúdio para com o material, muitos falaram “*credo, o que é isso?*” e se recusaram a participar da atividade, mesmo depois da explicação dada pelos estagiários sobre que é a argila. Levantando a hipótese de que esses sujeitos associaram a argila com fezes, podemos afirmar o quanto o pensamento do psicótico é concreto e que a produção de alguns de seus sintomas está em falhas na capacidade de simbolização. Apenas três internos fizeram a atividade até seu término, enquanto que os outros seis participantes quiseram logo lavar as mãos.

Durante esta atividade, a interna Ágata (ressaltamos que todos os nomes foram alterados visando preservar os sujeitos envolvidos) expressou ambivalência de sentimentos ora querendo beijar o estagiário, ora querendo mordê-lo. Segundo Sterian (2001) a principal manifestação do esquizofrênico se expressa na ambivalência que ele demonstra em todas as suas relações sociais.

A ‘ambivalência’ consiste na experiência de um antagonismo simultâneo ou sucessivo de dois sentimentos, duas expressões, dois atos contraditórios: desejo-temor, amor-ódio, afirmação-negação etc. Os dois termos opostos são vivenciados conjuntamente e sentidos separadamente em uma espécie de justaposição ou de mistura inextricável (STERIAN, 2001 citando EY, 1981, p. 26).

Já o interno Plínio delirou no fazer da atividade, conversava com alguém ao seu lado (imaginário) e dava risada, entretanto, a conversa ficou incompreensível para os estagiários. De acordo com Sterian (2001), a experiência delirante refere-se não apenas à presença de delírios, mas, também, a alterações da sensopercepção (alucinações).

Dando continuidade a esta atividade, foi proposta, na semana seguinte, a pintura das esculturas, só houve a participação de três internos.

Também foi proposto um trabalho no qual houvesse integração do grupo (pintura no cartaz), na tentativa de unificar os desejos em um único trabalho, o qual teve participação de oito usuários. A hipótese de que poderia emergir a autonomia de um desejo sobre o outro e, conseqüentemente, haveria um acordo entre os usuários para realização de um único projeto, não foi efetivada devido à estrutura psíquica desorganizada característica dos psicóticos, isto é, a personalidade extremamente narcísica destes leva a uma desfragmentação da estrutura grupal. Em especial, ficou muito evidente o atrito existente entre as internas Melissa e Verônica que discordavam das ideias uma da outra.

Na semana para finalização dessa atividade, somente cinco internos participaram. Muitos queriam uma nova atividade que fosse individual, caracterizando mais uma vez a personalidade narcísica dos mesmos.

Ágata realizou esta atividade sorrindo. Segundo Sterian (2001), nos psicóticos as manifestações emocionais são desconcertantes, pois brotam de uma camada afetiva impenetrável e secreta. Principalmente no que se refere ao esquizofrênico, a motivação que leva a um sorriso ou a uma crise de lágrimas é estritamente interna de modo que escapam ao nosso entendimento e a qualquer troca inter-humana.

Além disso, Ágata começou desenhando uma casa e duas pessoas, das quais não disse quem eram quando lhe foi perguntado pela estagiária, e depois começou a escrever muitos números, o que foi interpretado como uma tentativa de reorganização interna.

No decorrer desta atividade e da escultura com argila, os oficinairos deixaram de ser observadores para serem participantes, com isso notou-se certa diminuição na ansiedade dos usuários que passaram a produzir de forma mais espontânea e segura, não mais perguntando “*o meu está bonito?*”; “*o que eu faço?*”; “*que cor pinto?*”.

Por intermédio dessa atividade do fazer e do produto final, de acordo com Costa e Figueiredo (2008), a oficina operou em um distanciamento mínimo do Outro, na medida em que inclui, literalmente, um objeto que medeia às relações, que funciona como elemento de troca social e que produz um efeito de apaziguamento, possibilitando ao sujeito um enlaçamento social mesmo que de forma frágil e precária.

Vale ressaltar que durante os trabalhos, houve internos que apesar de não participarem do trabalho nas oficinas interagiram de forma verbal, procurando escuta para suas angústias e conflitos.

A interna Pietra falou repetidamente de sua vivência angustiante à espera da visita de seus familiares, dizia “*minha irmã falou que ia vir aqui me ver e ainda não veio, ela deve ter esquecido, (choro...)*”, assim como da interna Jéssica que, frequentemente, falava “*amanhã eu vou embora, meu pai está vindo me buscar*”. Segundo Sterian (2001) à medida que a psicose se confirma e evolui, a constituição de um mundo delirante torna-se um mundo próprio que tende a se fechar sobre si mesmo de forma alienada. Esses distúrbios de pensamento podem ser constatados tanto na linguagem falada quanto na escrita.

O pensamento psicótico se caracteriza por ser arcaico e irreal. A paciente Laura, encantada com os olhos verdes de uma das estagiárias, perguntou “*você enxerga tudo verde?*”.

“É um pensamento mágico, que adota o animismo primitivo, sua impermeabilidade à experiência, sua adesão aos valores metafóricos e aos arquétipos simbólicos” (STERIAN, 2001, p. 20).

Ainda de acordo com Sterian (2001), a alteração do conteúdo do pensamento consiste na presença de delírios, que por ser composta de ilusões levam às alterações perceptivas, assim como a alterações da sensopercepção, que culminam nas alucinações.



A interna Melissa, narrando sua briga com uma das enfermeiras da instituição, afirmou fazer parte do PCC (Primeiro Comando da Capital, organizado por criminosos brasileiros), o que demonstra que a perda do contato com a realidade do psicótico traz como consequência uma realidade alternativa, na qual há fuga da realidade sentida como dolorosa, ou encenação dos medos.

Através das falas de Carlos, *“estou me transformando em mulher, sinto meus seios crescendo”*, percebemos claramente a chamada *“síndrome de despersonalização”* também característica da psicose, no que alude ao distúrbio do pensamento e da percepção. Freud relatou este tipo de percepção no estudo do *“caso Schreber”*, em 1911.

O que Freud descobriu, por meio do estudo do ‘caso Schreber’ foi que existe uma etapa do desenvolvimento do psiquismo na qual o indivíduo ama a si mesmo: o narcisismo. Isso lhe oferece a possibilidade de se ver como um ser inteiro, passível de amor. É esse o processo que permite a constituição do ego: uma imagem unificada de si mesmo (STERIAN, 2001, p. 64).

A história de vida do Carlos, segundo o relato do mesmo, mostra que foi casado por aproximadamente oito anos, e que sua esposa não podia ter filhos, a qual faleceu em um acidente automobilístico. A partir do fato de Carlos sentir-se metamorfoseando no sexo oposto, como afirma, pode-se levantar a hipótese de uma tentativa de lidar com o fato de não ter tido filho, deste modo o desejo de tornar-se fecundo; ou ainda pode indicar sua necessidade de continuar com sua esposa, mesmo que seja transmutando-se em sua pessoa, assim sendo, não há forma de estar mais próximo a ela do que introjetando-a, ou seja, sendo a própria. Tendo como suposição este último, suas falas *“eu te amo, você é lindo”*, pode representar aquilo que ele queria dizer ou, então, ouvir de sua esposa.

Outra característica típica do psicótico, já num estágio mais regredido, concernente ao distúrbio da linguagem, se mostra evidente no interno Pedro que desenvolveu uma linguagem própria, impossível de ser decifrada (glossolalia). Pedro não trabalhou em nenhuma atividade oferecida nas oficinas terapêuticas, mas comumente foi observar o trabalho desenvolvido. Fica o enigma se o mesmo ainda compreende ou não aquilo que lhe é dirigido através da fala comum.

Constitui-se a ‘incoerência verbal’ dos esquizofrênicos em relação à linguagem escrita e falada, mais ou menos simbólica, produto de distorção verbal operada pelo pensamento autista destes doentes. Esta ‘alienação da linguagem’ pode ir tão longe, em certas formas de esquizofasia, que a linguagem torna-se então indecifrável. Às vezes, os doentes criam verdadeiras línguas pessoais (‘glossolalia’) (STERIAN, 2001, p. 24, citando EY et al., 1981, p. 110).

Segundo Sterian (2001), Freud levantou a hipótese de que na psicose, as palavras estão sujeitas a um processo igual ao que interpreta as imagens oníricas dos pensamentos oníricos latentes, ou seja, são marcas de memória de experiências conscientes e pré-conscientes do sujeito. Portanto, passam por uma condensação e, por meio de deslocamento, transferem integralmente suas catexias (conceito econômico de investimento libidinal, ou seja, determinada quantidade de energia psíquica, que investe uma representação ou um grupo de representações) de umas para as outras. Desta forma, para a psicanálise, as modificações da fala nos psicóticos representam que as construções de suas frases passam por uma desorganização peculiar que as tornam incompreensíveis para as pessoas, a ponto de suas observações parecerem incoerentes.

Em síntese, na conversação com o psicótico pode ser encontradas situações de “mutismo”, “semimutismo” (o sujeito “conversa” com um suposto interlocutor, em voz baixa) ou mutismo interrompido por impulsos verbais (injúrias, blasfêmias, obscenidades). Pode ocorrer, ainda, “pararespostas” absurdas, que são desconcertantes, pois não tem relação com a pergunta que foi feita, tampouco com a conversa em curso (STERIAN, 2001).

A interna Ágata usa termos obscenos ligados a órgãos genitais masculinos e femininos, ligando o ato sexual, propriamente dito, às figuras paternas. Com base nisso, levanta-se a hipótese de um suposto abuso sexual sofrido na infância, visto que, para Freud a rejeição da realidade nunca é total, assim a realidade tem representações no psiquismo do sujeito em estado esquizofrênico e, por conseguinte, a alucinação vem para substituir o fragmento de realidade rejeitado. “O que ele quer dizer com isso é que, na psicose, o material rejeitado da realidade continua, de alguma forma, investido libidinalmente. Ele fica desligado do restante das representações psíquicas, porém mantém-se ‘eficiente’, catexizado” (STERIAN, 2001, p.112).

Entretanto, pode-se pensar no caso de Ágata que o conteúdo de sua fala pode não corresponder a um trauma sexual de fato concretizado, mas sim as suas fantasias de sedução, o que Freud chamou de realidade psíquica do desejo inconsciente. Em ambos os casos pode-se atribuir o fato de Ágata chamar os estagiários de “pai” e “mãe” ao seu funcionamento psicótico, pois de acordo com Sterian:

(...) a realidade psíquica constitui-se a partir das relações intersubjetivas onde ocorreu a rejeição. Quando esta acontece, a comunicação de determinado material da realidade (aquele que é rejeitado) com o restante das representações psíquicas fica impedida. Isso se evidencia tanto na forma como esses indivíduos se apresentam, como na maneira com que eles desenvolvem seus vínculos afetivos (id. *ibid.*, p.138).

Através de todas as formas de linguagem e de expressão, seja a escrita, os desenhos e a fala, nos foi possível observar a ilustração dos distúrbios do curso do pensamento e a alteração do conjunto dos sistemas de comunicação, característicos nos psicóticos, principalmente no que se refere aos esquizofrênicos (STERIAN, 2001).

E, exatamente devido a estas dificuldades de fala e comunicação comumente usadas é que faz-se necessário que o trabalho se realize por meio de oficinas, que permitem a expressão psíquica como é possível e preciso para cada sujeito envolvido

Como foi dito anteriormente não tivemos acesso aos prontuários dos institucionalizados, mas com base nos sinais e sintomas que os mesmos apresentaram pôde-se levantar a hipótese de que muitos são esquizofrênicos, visto que apresentam delírios (em especial por serem bizarros), alucinações, discurso desorganizado e prejuízos no funcionamento ocupacional ou social (STERIAN, 2001). Não vamos aqui especificar a esquizofrenia segundo seus subtipos, pois não trata-se da proposta desse trabalho.

Para finalizar, destacamos que, como na maioria das Instituições, esta do mesmo modo tem tendência de “fechamento”. Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico (portas fechadas, paredes altas, arames farpados, fossos, água, florestas ou pântanos). A tais instituições o autor Goffman (2003) dá o nome de instituições totais.

Foram encontrados, várias vezes, os usuários dispersos olhando em direção à rua pelo portão da garagem, local que funciona como pátio. Foi percebido que o mundo externo é algo que lhes atrai, é algo distante e sonhado. Mesmo através dos desenhos é possível imaginar a visão que eles têm do espaço onde se encerram e onde passam os dias a delirar com o momento em que estarão “*livres*”.

O fato de serem pacientes egressos de hospitais psiquiátricos não muda o modo de tratamento dado. Ao contrário, a instituição *ilude* esses internos utilizando do trabalho para a conquista da liberdade, aumentando a ansiedade e, conseqüentemente, a angústia e sofrimento dos mesmos.

Há formas de tratamento diferenciado entre os usuários, os mais regredidos são banalizados (deixados “de lado”) e

às vezes até punidos, tanto pelos funcionários da instituição, quanto pelos próprios internos.

A instituição em geral, por reproduzir as formas de relações sociais predominantes, necessariamente contribui para o processo de alienação e despersonalização, através da violência e da exclusão, que estão na base de todas as relações que se estabelecem na sociedade capitalista. Uma das características dessas instituições é a nítida divisão entre os que têm o poder e os que não têm o poder, possibilitando uma relação de opressão e violência entre quem detém o poder sobre aqueles que não o têm, resultando na subdivisão mistificadora entre o bom e o mau, o são e o doente, o respeitável e o não-respeitável (BASAGLIA, 1985).

A realização das oficinas terapêuticas tem como principal função possibilitar que o usuário, habitualmente rotulado como improdutivo, seja re-valorizado socialmente. Portanto, é um dispositivo para a proposta de reabilitação psicossocial dos mesmos.

## CONCLUSÕES

Algumas questões emergem e elucidam a face perversa do assistencialismo e da filantropia expressos no discurso institucional.

A vida dentro de uma instituição com essas características não permite que se fuja de uma lógica manicomial, onde autonomia, subjetividade, individualidade ficam suprimidas. A permanência dentro dessa lógica cronifica indivíduos de tal forma que se tornam objetos, ou seja, sem voz, sem escolhas, sem direitos, gerando assim profundas relações de dependência com a instituição.

Goffman (2003), em seu estudo sobre os asilos apontava as características das instituições totais, os chamados “fatores etiológicos”, a saber: (a) perda de contato com a realidade externa; (b) ócio forçado; (c) submissão a atitudes autoritárias de médicos e restante do pessoal técnico; (d) perda de amigos e propriedades; (e) sedação medicamentosa, condições do meio ambiente nos pavilhões e enfermarias; e (f) perda da perspectiva de vida fora da instituição.

Os usuários acabam criando dependência em relação ao centro de convivência, que oferece a sensação de segurança e a aceitação de sua “loucura”, tornando esta a única referência para sua convivência, o que revela a dificuldade de aceitação social do portador de transtorno mental.

A relevância de desenvolver um trabalho que ofereça a pessoa com transtorno mental atividades expressivas e de lazer está pautada em iniciativas que buscam reduzir o poder cronificador e desabilitante de tratamentos tradicionais, para acolher a demanda dos usuários nos cenários sociais dos quais participam cidadãos comuns.

Por isso, os objetivos da oficina não se limitam a estabelecer um momento de prazer, mas buscam uma idéia de reabilitação psicossocial, onde a vivência do grupo possa contribuir na realidade diária de cada participante. Mas, objetiva o desenvolvimento da capacidade do indivíduo para “reconstruir” sua subjetividade, dotando-o de recursos para trocas sociais e, conseqüentemente, para a cidadania social. É partindo dessa premissa que as atividades e o desenvolvimento da oficina obtêm caráter terapêutico.

Nise da Silveira (1992) modificou a condição hospitalar, criando um ateliê de pintura, escultura, sala de jogos, oficina de encadernação e atividades de recreação ao ar livre. Treinou os monitores que lidariam com os internos, e tinha como objetivo sensibilizar nestes um sentimento de afeto para com os internos, independente do que seria ou não produzido nos ateliês. Notou que os pacientes submetidos às oficinas de arte encontraram oportunidades para exprimir livremente seus sintomas; o tumulto emocional podia tomar forma, despotencializando-se. Ao

mesmo tempo, ocorria fortalecimento do ego e aumentava o relacionamento social de acordo com as possibilidades adaptativas. Os resultados, por sinal, apareceram rapidamente, confirmando as hipóteses iniciais de que a terapia ocupacional ultrapassava o limite do lazer e da distração. Assim delineava-se um novo caminho para o mundo interno do indivíduo esquizofrênico.

Essas observações levaram Nise à conclusão de que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas, qualidades terapêuticas, pois davam forma às emoções tumultuosas, despotencializando-as, objetivando forças autocurativas que se moviam em direção à consciência, ou à realidade (1992).

Sendo assim, as oficinas terapêuticas mediam a oportunidade de produzir, o que significa para esses indivíduos estar mais próximos do meio social do qual estão afastados pelo sofrimento mental.

Qualquer ato terapêutico deve ser sempre avaliado em função da possibilidade de minimizar o sofrimento do usuário, num processo crescente e contínuo, favorecendo o desenvolvimento das relações interpessoais, da auto-estima e da autoconfiança, estimulando seu poder de escolha e de decisão e, conseqüentemente, contribuindo para integrá-lo em seu grupo social.

Por meio do trabalho oferecido nas oficinas terapêuticas, tendo como foco recursos terapêuticos, foi possível estimular o institucionalizado a se comunicar, a se expressar, a perceber o outro, a partilhar; e é somente a partir de seu contato com o mundo externo que ele passa a ter consciência de si mesmo.

Em síntese, nas oficinas, a produção e a expressão livre ofereceram condições ao sujeito alienado de se transformar num sujeito produtivo, pois, ao mesmo tempo em que ele é estruturado por sua produção, pode exercitar sua possibilidade de escolha e expressão.

É um processo contínuo que não vai ser concluído esse ano assim como não foi no ano passado durante o trabalho dos outros dois estagiários. Com nossa intervenção estamos alavancando a possibilidade de mudanças no que se refere ao menor preconceito dos sujeitos com transtornos mentais. O resultado traz como menor prejuízo a repercussão no modo de tratamento dos mesmos, tanto no relacionamento interno-interno quanto na relação interno-funcionário, proporcionando um espaço reflexivo e acolhedor para o paciente, assim como resgatando e problematizando os relacionamentos intra e interpessoais.

## REFERÊNCIAS

BASAGLIA, F. As instituições da violência. In: **A instituição negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CHANLAT, J. F. **O Indivíduo nas Organizações**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1992.

COSTA, C. M.; FIGUEIREDO A. C (org). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. Rio de Janeiro: IPEUB/UFRJ, 2004, 2008.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. ; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

ENRIQUEZ, E. **A Organização em Análise**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva. 2003.

GOULART, I. B.; SAMPAIO, J. R. (org). **Psicologia do Trabalho e Gestão de Recursos Humanos:** estudos contemporâneos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MOTTA, F. C. P. **Organizações:** vínculo e imagem. In: RAE, jul/set., São Paulo, 1991, pp. 5-11.

SILVEIRA, N. **Mundo das imagens.** São Paulo: Ática. 1992.

SOUZA, E. L. P. **Clima e cultura organizacionais:** como se manifestam e como se manejam. Porto Alegre: Edgar Blücher, 1978.

STERIAN, A. **Esquizofrenia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.